



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

**Órgão do Partido
Operário Revolucionário**

(11) 95446-2020
www.pormassas.org
@massas.por
anchor.fm/por-massas

MANIFESTO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO (POR)

Ataques das facções são consequências das condições de miséria, de fome e da situação degradante nos presídios

O que ocorre no Rio Grande do Norte é mais um sintoma da putrefação do capitalismo

19 de março de 2023

Já são 259 ataques em todo o estado, contra prédios estatais, ônibus e comércios. As informações são de que as duas facções rivais, Sindicato do Crime (SDC) e PCC, se uniram para exigir melhores condições nos presídios.

O fato é que a população foi tomada de surpresa e ficou horrorizada com a “ousadia” dos ataques. Em nível nacional, coube à grande imprensa transmitir as cenas de horrores. E ao governo Lula, ao ministro da Justiça e à governadora do estado a tarefa de reprimir. De pronto, a Força Nacional de Segurança desembargou em Natal. Estados vizinhos enviaram policiais, na tentativa de estancar os ataques. O gabinete de crise foi instalado, visando a garantir as ordens que vinham da cúpula do Estado. Criou-se uma situação para que toda a população apoiasse as ações dos governantes contra a força da criminalidade, capaz de desfechar uma brutal violência sobre a população, comércio e órgãos estatais.

O importante é entender porque de uma hora para outra explode uma “guerra” que, apesar da repressão, permanece por vários dias. O fato é que por trás da aparente normalidade existe um fermento que cresce a cada dia. A explosão nada mais é do que o sintoma da decomposição do capitalismo, cujo indicador mais evidente é o crescimento da miséria, da fome, da falta de empregos e de uma massa de jovens sem trabalho e sem estudo. Parte dessa juventude é arrastada para a criminalidade e acaba nos presídios, que estão superlotados.

No Rio Grande do Norte, o Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (MNPCT) realizou inspeções nas unidades prisionais, e flagrou situações de torturas físicas e psicológicas nos presídios. Marmitas com comida estragada, fome, contaminação proposital por tuberculose, restrição de visitas íntimas, reclusão por mais de trinta dias em celas de castigo, punição de permanecer várias horas em posição de “procedimento”, além da superlotação, são exemplos do que tem acontecido com os privados de liberdade no RN. No dia 15 de março, as esposas e familiares dos detentos realizaram uma manifestação na Av. Salgado Filho, denunciando as más condições e reivindicando legitimamente melhores condições nos presídios, como o retorno das visitas íntimas, vacinação e alimentação digna. A resposta do governo Fátima foi a de ignorar o pleito e reprimir o movimento por meio da violência policial, chegando a deter uma das esposas.

O governo Fátima (PT/MDB), como um típico governo burguês que é, num ato de extrema arrogância e prepotência, nega que haja tortura e condições degradantes

nos presídios, e chama de “regalias” as reivindicações das facções de condições minimamente dignas de existência nas prisões. A postura do governo Fátima de ignorar o que se passa nas prisões e responder com mais e mais policiamento só contribui para perpetuar a barbárie, que se instalou nas ruas e no sistema prisional. As reivindicações que estão sendo levantadas pelos presos e suas esposas por garantias mínimas de existência nos presídios (alimentação digna, retorno das visitas íntimas, vacinação, remédios etc.) têm origem nas condições degradantes em que vivem, são legítimas e devem ser imediatamente atendidas pelo governo.

O fato é que a burguesia e seu Estado, seja sob um governo ultradireitista ou um governo que se diz “dos trabalhadores”, não tem nada a oferecer à juventude pobre e marginalizada a não ser uma política de encarceramento em massa e extermínio. Os relatos de torturas, a superlotação e a imensa quantidade de privados de liberdade sem sequer terem ido a um julgamento (1 em cada 3 presos estão nessa situação) atesta a hipocrisia burguesa de defesa dos “direitos humanos” e o fracasso da política de “ressocialização”.

A burguesia e seu Estado são incapazes de garantir emprego a todos e um salário mínimo vital, capaz de pôr fim à miséria que assola a juventude. O desemprego crônico e as precárias condições de existência empurram parte da juventude oprimida a ser cooptada pelo tráfico, e a servir de bucha de canhão para o enriquecimento da burguesia narcotraficante.

O que ocorre hoje no Rio Grande do Norte, também ocorreu em São Paulo e outras capitais. São explosões do ódio que se manifestam desordenadamente, a mando de facções criminosas que comandam os presídios. No Brasil, dados indicam que já são 53 facções espalhadas por todos os estados. A ausência da política revolucionária e a passividade das direções sindicais e populares na defesa das reivindicações dos explorados favorecem o crescimento do crime organizado.

O Partido Operário Revolucionário defende que somente a classe operária, organizada e em luta, é capaz de ir a raiz da barbárie. Trata-se de uma tarefa histórica, que deve ser iniciada desde já, de combate ao capitalismo. O ponto de partida está na defesa das reivindicações mais sentidas das massas trabalhadoras. As bandeiras de emprego a todos, com redução da jornada sem redução de salários, de salário mínimo vital e combinação do trabalho com os estudos são o ponto de partida para defender os explorados, e em particular a juventude oprimida da barbárie capitalista.